

(A)temporais

Aldenora M. Chaves P. Carvalho *

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Crítica Literária pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Possui graduação em Letras Português - Espanhol pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Assistente em regime de dedicação exclusiva do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA - DELER) atuando na área de Estudos Literários no Curso de Letras e Letras-Libras com ênfase em: Literatura Infanto-Juvenil e Literaturas de Língua Portuguesa.

 <https://orcid.org/0000-0002-1472-9228>

Recebido em: 21 jan. 2021. **Aprovado** em: 26 jan. 2021.

Como citar este texto:

CARVALHO, Aldenora M. Chaves P. (A)temporais. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 1, p. 267-271, jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10278213>

Para Dr. Menino

Era só mais uma tarde quente e ventilada de primavera na ilha. Daquelas tardes que exigiam um gelato, mas, queríamos café, precisávamos de café. A esses momentos, chamávamos *cafeterapia*: café forte e muita conversa atrasada para tratar as fadigas do dia a dia. Amiúde, reservávamos longos momentos para tais sessões, onde falávamos de tudo: nossos achaques, famílias, crises existenciais, planos de viagens, política, comida, comida, mais comida, muita comida, nosso apetite pantagruélico, e, inevitavelmente, Literatura e Linguística.

Tivéramos uma manhã caótica que ameaçava desabar num temporal proposital na manhã do dia seguinte, e, dadas as nossas in experiências bélicas mais recentes, nos preparávamos para tal tormenta, traçando estratégias fendidas e planos homéricos que já nasciam rotos.

*

 herabello@hotmail.com

O vai e vem das pessoas entrando e saindo da cafeteria, atravessando os grandes corredores entre lojas e quiosques, o burburinho de vozes, aquele leve torpor depois do almoço, a fadiga à flor da pele, a conversa hilária entre armas brandas e artilharia pesada nos distraia, arrancando risos a cada gole de café. Nossos planos de guerra eram, na verdade, um legítimo pretexto para fruir daquela tarde de primavera, esquecendo por dois quartos de hora – nas fendas da psique destruída – o aborrecimento da manhã. O fim do primeiro espresso anunciava que a conversa se estenderia; quando, sobressaltada por uma apneia de reminiscências, eu o vi do outro lado da cafeteria.

Demorei meio sorvo de aromatizado de amêndoas torradas para reconhecê-lo.

E o céu se anuviou.

Um temporal de memórias intangíveis se formou em mim. Denso, implacável.

Enquanto Odete falava animadamente sobre o barista e ‘qualquer coisa’ que já nem lembro, escapei da realidade abandonando-a no campo de guerra, com uma xícara de cappuccino nas mãos, entre flagelos e a promessa de inimigos derrotados... E as lembranças chegaram como tempestade. Inicialmente como chuvisco brando que marca levemente o colorido de um linho novo; depois em grandes pingos rasgando as fronteiras da memória, desaguando em dilúvio. Um impiedoso temporal de reminiscências e lembranças mudando as estações de lugar. Já não era primavera...

Educação Básica, 1980.

Impossível demarcar se verão ou inverno, outono ou primavera, em qual estação essa história *não se contou*. E, de repente, todos os fios de certezas com os quais eu tecera o rigorosíssimo bordado cinza de uma vida planejada, estavam agora brincando diante de mim, perfeitamente desalinhados num sorriso de menino que nunca crescerá. O mesmo sorriso e os mesmos olhinhos buliçosos e perturbadores de antes e sempre.

_ Ei, o que houve? Odete me perguntou.

_ Nada. Respondi laconicamente.

Eu estava orbitando há mais de trinta outonos, invernos e verões; subindo as imensas escadarias de mármore branco e percorrendo os corredores vazios da escola primária enquanto as lembranças me encharcavam em agudeza. Ali, naquele temporal, era possível ouvir a doce voz da professora Nadja na 2ª série do primário; a professora mais amável nas minhas lembranças de menina recém-chegada do interior. Depois, a professora Veneranda Martins Veras na 3ª série, meiga e igualmente rigorosa, nos obrigava a escrever todos os dias, seu nome completo no

cabeçalho dos nossos cadernos [acho que ela nunca considerou que alguns de nós guardariam esse nome e sobrenome para o resto de nossas vidas]. A professora Graça na 4ª série – dessa última não lembro quase nada, nem dos gritos, nem das boas lições –. Depois, cumpridos os anos primários, veio o Fundamental. E era precisamente ali que as lembranças queriam encontrar regaço e doer.

Com os olhos injetados de recordações doloridas e sorvendo um gole quente de café, percebi, sem esforço, que ele comia uma imensa fatia de torta açucarada, o que denunciava a incontida satisfação nos olhinhos de criança. Aquela familiar expressão de meio-sorriso-escondido de menino.

[Mas isso eu já disse. O que falta dizer? Ou o que falta doer?]

Falta 'doer' que do primário ao ginásio, eu o esperava chegar à escola; com o olhar ansioso nos bancos da pracinha, onde amiúde, ele sentava à sombra das enormes amendoeiras sempre vermelho de calor, desgrudando os cabelos da testa suada com a mãozinha rechonchuda. E assim aguardávamos os portões da escola abrirem: eu olhando-o de longe, ele desviando de mim o olhar.

Falta 'doer' que por anos o vi subir e descer as escadarias da escola – sempre acompanhado do irmão anagrama-pseudo-gemelar –, guardando distância de mim, escondendo o olhar furtivo do meu, sentado algumas fileiras atrás ou lateralmente, sem trocar sequer um monossílabo comigo.

Falta 'doer' que à proporção que os anos passavam e a juventude adolescía em nós, a natureza impôs um distanciamento tal, que, embora alguns colegas se esforçassem para promover 'o encontro' e os gestos de afeição adormecidos no escaninho da alma; estes já se configuravam em tardio momento porque o tempo se encarregara de macerar os sonhos. Os meus sonhos de menina.

_ Outro espresso? Odete perguntou desconfiada que estivera falando apenas com meu espectro.

_ Quero sim. Respondi retrospectivando nossas infâncias, adolescências e juventudes.

_ Tá tudo bem? Me inquiriu com um olhar interessado, mas, me limitei a perguntar:

_ Pediste o café?

_ Vou pedir. Vou pedir o café, a conta e o celular do barista também.

E rimos muito disso.

Eu saíra naquele temporal deliberadamente, um dilúvio varrendo as últimas três décadas. Uma espécie de ventania levantando, como folhas secas, aquelas pessoas que passaram seguidos outonos lá, quietas, adormecidas no chão da memória. E numa profusão de imagens distorcidas, memórias e vivências de passados 30 anos, vieram em cascata Alice, Jorge, Flor, Roberto, Arnaldo, Iedo, Selma, Rubia, Adriana, Marcos, Aldo e outros mais. E ali permaneci, presa naquela nesga atemporal onde nenhum de nós poderia intervir: nem no tempo, nem na história, nem na memória.

O último café chegou à mesa e não me sobreveio nenhum desejo de mudar as coisas de lugar, de finalmente fruir das sensações premidas, do calor das mãos, do olhar que se fia na véspera do beijo. Não. Não me incidiu reviver das palavras grafadas nas minhas ridículas ‘cartinhas-de-amor’ sem respostas. Lembrei que para Álvaro de Campos, *todas as cartas de amor são ridículas*.

Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas.

_ Vamos agendar? Odete insistia em me arrancar daquela dormência.

_ Desculpa. O quê?

No instante em que ela repetia um inútil engendro para nossa ‘agenda bélica’, sorvi depressa o pesado gole de expresso sem açúcar; porque ele levantara vindo na minha direção. Limitei-me a olhar para ele com o mesmo olhar lânguido e disjungido de épocas passadas, sem esboçar cumprimento. Todavia, contrariando todas as minhas [des]crenças; na passagem, ele me olhou, sorriu e dando a volta por detrás da minha cadeira, parou ao meu lado.

_ Olha quem tá aqui! Menina! Não acredito!

Num gesto habitual, desconcertante, me cumprimentou como se o fizera a vida toda. Expressões e atitudes que eu havia esperado durante anos, até aquela tarde de primavera, talvez. Decidido e gentil, segurou com naturalidade [e com a segurança de um menino crescido], a ponta da minha mão e pôs-se a brincar com meus dedos. E foi ‘entremãos’ que permanecemos, como se embalados numa levíssima dança de bilros, o tempo suficiente para trocamos meia dúzia de palavras abstrais das quais já não lembro claramente, como lembro da firmeza da mão dele segurando a minha mão.

E nos despedimos.

A *cafeterapia* se desdobrou por mais um quarto de hora, tempo decisivo para dissuadi-la de pedir o celular do barista da cafeteria. E para assegurar-me, também, que as pequenas nuvens que ainda teimavam

em toldar minhas lembranças, logo se dissipariam, tal como a imagem dele foi desaparecendo entre o vai e vem das pessoas no longo corredor à minha frente.

Pagamos a conta. Amassei discretamente e joguei fora o papelzinho com o número do barista da cafeteria, para defender minha pobre amiga dos flagelos de uma iminente derrota amorosa.

E o tempo seguiu nessas fendas, onde a memória fez emergir episódios demasiadamente doloridos para uma menina de 11 anos: quando as férias levavam pra longe, aquele menino de cabelos pretos caídos na testa que escondia de mim seu sorriso; quando a logística administrativa da escola separava em salas diferentes aqueles olhinhos tímidos dos meus; quando impotente, percebia as meninas mais experientes fruïrem do riso, da raríssima conversa, e, inevitavelmente mais tarde, [porque o gênio da natureza assim impele], do abraço, do beijo que não foram guardados pra mim. E, exceto os sonhos de menina, nada mais vivenciei daquele primeiro amor que cresceu e eu nem vi.

Insone naquela noite, me arrependi por não ter perguntado a ele, o porquê de nunca ter respondido minhas 'cartinhas-de-amor'; e me conformei com Álvaro de Campos, *afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas.*

Ilha, Primavera/2018